

SERMAM,

M

QUE PREGOV O  
PADRE MESTRE FREI  
ANTONIO DA NATIVIDADE DA  
Ordem de S. Agostinho, nas exequias, que  
os Religiosos da mesma Ordem  
fizerão na Sè de Lisboa.

PELO

ILLUSTR<sup>MO</sup>, E REVER<sup>MO</sup> SENHOR  
DOM RODRIGO DA CYNHA *Arcebispo da  
mesma Cidade.*

IOSVE PORTVGVEZ.

A DOM RODRIGO DA CYNHA DE S. ALDANHA,  
*Chantre da Sè de Lisboa.*



Anno de

1643.

*Com todas as licenças necessarias*

Em Lisboa por Antonio Alvarez Impressor Del Rey N. S.

BERMAMI

LOVE PRINCE

YADRI MESTRE FERRI

ANTONIO DE LA VILLA DE LA

ORDENES DE S. JUAN DE LOS REROS

DE DON ROBERTO DE CERVA

DE DON ROBERTO DE CERVA DE S. JUAN DE

ORDENES DE S. JUAN DE LOS REROS



DE DON ROBERTO DE CERVA DE S. JUAN DE



L I C E N C I A S .

**V**I este Sermão do Padre Mestre Frei Antonio da Natiuidade tão conhecido por suas letras, & pulpito, & não achei nelle cousa, que seja contra nossa Fè, & bõs costumes, antes me parece mui docto, & muito ajustado às grandezas, & excellencias do sôgeito, de que trata, & assi dignissimo de se imprimir, & de se trazer sempre diante dos olhos, por que eternamente se perpetue a memoria de tão heroico Prelado & tão excellente Principe da Igreja Catholica. Neste Conuêto de N. S. do Vencimento do Monte do Carmo de Lisboa. Em 26. de Feuereiro de 1643. D. Fr. Gaspar dos Reys.

**N**este Sermão do muito Reuerendo P. M. Fr. Antonio da Natiuidade não achei cousa alguma contra a Fè, ou bons costumes, antes he muito docto, & digno de seu Author, q̃ com muito engenho dos lououres do grãde Capitão do Povo Hebreo Iosue insere os do Illustrissimo, & Reuerendissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha, digno Prelado de perpetua memoria, & os que lerem este Sermão se podẽ aproveitar dos excellentes conceitos d'elle, & assi me parece muito digno de se imprimir. S. Domingos de Lisboa 28. de Feuereiro de 1643.

M. Fr. Ignacio Galuão.

**V**istas as informações, podese imprimir o Sermão incluse, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 2. de Março de 1643. Pedro da Sylua. Francis. Card. de Tor. Podese imprimir. Lisboa 4. de Março de 1643.

O Bispo de Torga.

**Q**ue se possa imprimir este Sermão, visto as licenças do S. Officio, & Ordinario, que offerrece, & depois de impresso torne para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 5. de Março de 643. Meneses.

**D**amos licença, & mandamos, ao P. M. Fr. Antonio da Natiuidade, q̃ dê à impressãõ este Sermão, q̃ elle p̃regou nas execuções do Illustrissimo, & Reuerendissimo Senhor Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, pe-loq̃ este Regno, & nossa Religião deue à memoria de tão insigne Prelado. Lisboa 10. de Feuereiro de 643, Fr. Andre Tellez Prouincial.



A. DOM RODRIGO DA CUNHA DE  
Saldanha, Chantre da Sé de Lisboa.



**N**a M. presumi escreuer tão gloriosas acçoës, com a pena do prelo, que sempre fica, com a da lingua me contentaua, cujas faltas, como vai passando, mais facilmente se passão. Contudo fizma V. M. de me escreuer, que são iouaes o Prelado defunto, & o sermão viuo. & que com a vida deste resuscita a de hum Principe, & Paytão desejado. E com isto não pude deixar de me render, & dar por obrigado a estampalo, porque quando os menos affeicoados, vendo mais de espaço as faltas delle, as não releuem: amim bastame que a V. M. o não pareção. E assi a V. M. o offereço para que lhe sirua de espelho, em que se veja (sei bem que o não offereço a cega) & componha o seu generoso natural: & tenhamos em V. M. assi como no nome, & sangue, assi nas virtudes outro Dom Rodrigo da Cunha, que heo mais, com que os saudosos, & obrigados deste Prelado podemos encarecer o que desejamos a suas cousas. Aceite V. M. com a ebra, a vontade, com que lha offereço, & fico sempre dedicado ao serviço de V. M. Em o Conuento de N. Senhora da Graça de Lisboa: 10 de Feuereiro de 1643.

M. Fr. Antonio da Natiuidade:

FORTIS



# FORTIS IN BELLO IESVS

Naue, successor Moysi in Prophetis, qui fuit magnus, secundum nomen suum, maximus in salutem electorum Dei; ut consequeretur hereditatem Israel.

Ecclesiastici 46.

## A V E M A R I A .

S. I.



**A**VTHOR do liuro, que se intitula *Ecclesiastico*, despois de aver louuado os fundadores da Republica dos Hebreos; quando logo no cap. 46. fala nos restauradores dellã, o primeiro, que nomea, he o valeroso Capitão, & Governador do pouo de Deos Iosue, com as palauras, que acabo de referir. E querem dizer. Foi Iesús filho de Naue (assi o nomeão os 70. Interpretes, cuja lição segue a nossa Vulgata: & he o mesmo, que os Hebreos, & Latinos chamão Iosue filho de Nun) forte, & de graõ valor em a guerra, successor de Moyses nos Prophetas, ou prophcias, *in prophetis*, tem o Grego. Foi grande, conforme ao seu nome: & o maior de todos em procurar a saluação, ou remedio dos escolhidos de Deos, pera que o pouo de Israel alcançasse a saluação, que lhe estava prometida.

Foi aquella antiga Republica dos Hebreos hũa figura, assi como vniuersal de toda a Republica Christãa, assi especial desta nossa Republica Portugueza. Pois assi



como aquella foi escolhida de Deos, pera nella se dar a conhecer, & manifestar a grandeza do seu sancto nome: assi esta foi escolhida de Christo N. S. pera, por meio della, semear a sua diuina palaura; em remotissimas terras, & colher dellas o fructo da saluação, q̄ consigo trouxe à terra. *Elogi eos in messoribus meis, in terris longinquis*, disse o mesmo Senhor ao nosso primeiro Rey. E assi como aquella foi fundada em Abrahão, pay de muitas gentes, propagada pelos Patriarchas, que delle descenderão, restaurada por Iosue, que a mereo de posse da terra, que lhe estaua prometida: assi esta, sendo fundada em o nosso primeiro Rey D. Affonso, dilatada pelos valerosos Portuguezes, que lhe succederão, foi agora vltimamente restaurada, pelo Illustrissimo Arcebispo de saudosa, não menos que gloriosa, memoria, como por author mais principal da generosa acção com que nos desforçamos, & metemos de posse da liberdade, que nos estaua prometida, & prophetizada.

Donde ficou posto em razaõ que, assi como o Author do Ecclesiastico dá o primeiro lugar nos lououres da restauração daquella antiga Republica ao seu Hebreo Iosue: assi nesta nossa Republica Portugueza, se dem os primeiros lououres da sua restauração ao nosso Iosue Portuguez, digo ao Illustrissimo Arcebispo, a cujos não só suffragios, mas lououres, & saudades, se dedica este presente acto. Iosue lhe chamo, não só com a author da nossa restauração, mas como a estampa, que foi das virtudes delle.

E assi deixando o illustre sangue dos progenitores, de que procede este graõ Prelado, porque não pareça, direi com S. Hieronymo, que como orador necessitado, quero compensar a esterilidade dos ramos, com a fecundidade do tronco. E deixando os grandes postos que



que ocupou, as muitas Igrejas, q pastoreou: pois não foi a gloria maior pastorealas, nem ocupalos, senão me recelos. Sd tratarei do valor, ou fortaleza, da sabiduria, da mansidão, & zelo do hem publico, & commum do Reyno, virtudes, com que Sua Illustrissima mereceo o nome de Iosue Portuguez.

S. 2.

**F**Primeiramente a fortaleza, que he a primeira virtude, que se exercue do Hebreo Iosue. *Fortis in bello Iesus Naue*; não se exercita só na guerra, entre as armas: tambem na paz, & no mais sossegado della, que he o sacerdocio, tem seu vso, & he necessaria esta virtude: Dos Leuitas, germaõ sacerdotal, se diz no liuro dos Numeros, que não foraõ contados com as outras gerações, ou tribus de Hrael, quando se fez delles lista para a guerra. *Leuita autem, in tribu familiarum, non sunt numerati cum eis.* Cõtudo Mbyfes no Deuteronomio lha deseja, lha roga, & pede a Deos por benção: *Benedic, Domine, fortitudini eius.* Abençoaio Senhor, & seja a benção de fortaleza. Sabia que tambem no sacerdocio tem lugar, & he necessaria esta virtude.

*Núm. 2. 47.*

*Deuter. 33.*

E já na lèy se tinha ordenado que no sacrificio dos pacificos o armo, ou braço direito do animal, ou victima, que em sacrificio se offerecia, se desse ao sacerdote. Lealé o capitulo 7. do Leuitico. E a razão, ou mysterio foi, porque no armo, ou braço direito, era significada a fortaleza: & esta, diz S. Gregorio Papa, tambem aos sacerdotes he necessaria. *Ut nulla prospera presentis vite appetat; nulla aduersa pertimescat.* pera que nem appeteca o prospero, nem tema o aduerso desta presen

*Leui. 7.*

*11.*

*D. Greg.*

*2. p. past.*

*6. 3.*



de vida, officios conhecidos do valor, ou fortaleza. *Fortitudo*, disse Tullio, *nec aduersis infestando frangitur, nec in Resh prosperis blandiendo eleuatur*. A fortaleza, nem quando com aduersidades he combatida, se acanha, nê quando com fauores he li sonegada, se desuanece.

Toda a vida deste nosso tão grande sacerdote, como desejado Prelado, foi hum continuo exercicio de fortaleza. Todos os que familiarmente o tratarão, serãõ boas testemunhas da serenidade de animo, em que viueo, sem que já mais ouuesse, nem molestia, que o entristecese, nem gosto, que o aluoroçasse, nem fauor que o enuaçesse. Antes como hum jogador sifudo, q nas boas sortes cala, nas másty, em nenhũas se agasta, em todas philosopha, [ Sidonio Apollinar o confidertou na prudencia do grande Rey Theodorico: ] *In bonis iactibus vacet, in malis ridet, in neutrâ irascitur, in utrisq; philosophatur*. Assi este gram Prelado julgando todas as temporalidades, por cousas de jogo, & zombaria, nos afagos do mundo, como em boa sorte, calaua: & já mais se agastaua, quãdo em seu seruiço se erraua algũa cousa, a mais aspera palavra, que a seus criados dizia, era: *Deos vos perdoe, senhor*. E em fim sempre philosophaua tirando sempre de todas, & quaiquer sortes, q neste jogo do mundo lhe succedião, algum proueito.

Porque possamos falar deste insigne prelado, com a mesma admiração, com que a diuina escritura fala do Sancto Iob. A primeira vez, que nella se fala deste sancto varão, he com nota de espanto. Aonde a nossa Vulgata no principio do liuro começa, dizendo. *Vir erat*, que auia hum homem, está na Fonte Hebraea *ajix*, que he o nome de homem *ix*, com nota de espanto, q disse serue aquelle *a* no Hebreo. E assi val tanto, como se dissese: *admirabilis homo*, auia hum homem admirane l.



rael. E com razão começa com admiração, & espanto, pois avia logo de dizer delle, que era hum só homem: *Erat vir vnus*, que assi lê Fausto Rheginense, pelo que tem a nossa Biblia: *Erat vir ille simplex*, & não he pequena grandeza, nem pouco digna de admiração dizerse delle que era hum só. *Erat vir vnus*, quando dos outros homens, cada hum delles se multiplica em tantos, quantos são os affeitos, que os mouem, ou inquietão. Multiplicaçãose, disse Dauid, com os frutos das suas terras, hũs são com a abundancia, outros com a esterilidade, huns com a pressa, outros com a tardança das suas nouidades: *A fructu frumenti, vini, & olei sui multiplicati sunt*. Homem que seja sempre hum melmo, he raro. Por onde com razão, como dizia, Iob foi contado por homem admiravel, não se falando delle sem nota de admiração; *Ha in, 1 admirabilis homo*. Pois era hũ só, *erat vir vnus*, sendo sempre o mesmo: *semper idem*, commenta o mesmo Fausto, sem que nenhũa mudança de tempo se conhecesse nelle: *Eum equali ordine manentem tempora non mutabant*.

Faust.  
Rhegin  
tom. 3.  
Biblicos

Pfal.

Digo pois, que do mesmo modo, com a mesma admiração, podemos fazer deste nosso grão Prelado. *Admirabilis homo*, homem admiravel, homem, a quem podemos confiadamente chamar hum só. *Erat vir vnus*. Não porque não valesse por muitos; mas por que era sempre o mesmo; *semper idem*: sem que nem a prosperidade, nem a bonauça, nem o trabalho, nem o descanso, nem a lisongeria, nem a carranca do mundo, podem sem parecer que o mudauão; *equali ordine manentem tempora non mutabant*. Efeito conhecido da fortaleza, *que nec aduersis infestando frangitur, nec prosperis blandiendo eleuatur*.

Pois que direi do valor, com que empredeo a jornada



Plinius  
ad Tra-  
janum.

nada pera Madrid, quando com muitos outros Senhores, & pessoas principaes do nosso Reyno, foi chamado àquella Corte? Ao caminho se poz, & a Madrid chegou. E me occorre dizer delle nesta jornada, o que Plinio Iunior disse ao Emperador Trajano sobre hum caminho que fez a pé. *Initium laboris mirer, an finem? Multum est quòd perseverasti, plus tamen quòd non timuisti, ne perseverare non posses.* Magnanimo Emperador, de que me espantarei mais? Do principio do trabalho do caminho, que empredestes, ou do fim delle? Muito foi, que pudesseis leualo ao cabo: porém mais foi, que não temeis não poder continualo.

O mesmo digo eu de Sua Illustrissima, que Deos tẽ que não sei de que me espante mais; se de que emprende o caminho a Madrid, se de que perseverasse nelle em seus generosos intentos. *Initium laboris mirer, an finem?* Porque se ponho os olhos no fim, o acho na Corte do Rey de Castella, que então o era de Portugal, tão alentado, tão liure, tão senhor de sy, que quando lhe falarão em lugares maiores, em Cardealados, a que seria promovido, a fim de lhe abrandarem a dureza de seu forte, & inuenciuel proposito, sem soberba, mas cõ magnanimidade, a tudo deu de mão, de nenhũa lisongeria dessas fez caso. Quando se lhe deu juramento de segredo, sendo perguntado, que sentia sobre as cousas do nosso Reyno? O admiravel valor! O sapientissima aduertencia! *A mim* (respondeo o magnanimo, não menos, que sabio prelado) *ninguem me pode dar juramento, senão o Summo Pontifice, a quem sou immediato, ou a El Rey em Cortes.* E quando já preualecendo em sua opinião, ouue de responder sem juramento, & declarar o seu voto, o fez com tanta liberdade, que primeiro faltou o tempo pera se lhe escrever, que a elle razões, & palauras, cõ que o apoiar.



o apoiar. Não lhe faltaraõ como a couarde. E que arguimento mais claro de liberdade? Quando sabemos, q' ao Orador, o que lhe cria, ou forma palauras, o que lhe ministra razoens he a liberdade: o que pelo contrario, lhas atalha, lhas diminue, & cercea, he o medo. *Libertas verba nutrit*, disse o sabio, & elegante Cassiodoro, *metus autē copiam frequenter intercipit*. Ou que acto de maior valor, que falar verdades, quem sabe, que he ouuido de Reys? Atè hum Rey, & esse tão sancto como David, cõta, & canta por grande façanha sua falar os testemunhos de Deos, que o saõ sempre as verdades, à vista, & em presença de outros Reys, & falalos sem se correr, .I. affoutamente, com liberdade: *Loquebar de testimonijs tuis in conspectu regum, & non confundebat*. O pois graõ valor deste insigne Prelado! Que falando como vassallo diante de hum Rey, em cujo nome, & a cuja vista era perguntado: & de hum Rey, de quem podia cuidar, que se perguntava pela verdade, não era pera a seguir, antes pera se desuiar della, ou ainda pera a perseguir, a falasse com tudo, & tão liuremente, que razoens, & palauras tudo lhe sobejasse! Graõ cousa, que perseverasse em seus zelosos intentos! *Multum est, quòd perseverasti*.

Porèm se torno ao principio da mesma jornada o acho com testamento feito, não fez de novo testamento agora quando foi seruido leualo, remeteose ao que primeiro tinha feito, quãdo foi a Madrid. São Lucas pera significar o valor, com que Christo Senhor nosso empredeu o caminhovltimo, que fez de Galilea pera Hierusalem, diz que *firmavit faciem suam, ut iret* firmou o seu rosto pera o caminho, foi dizer, commenta Euthymio: *direxit, ut iret*, resolveose em caminhar direito, & sem rodeo, sem embargo da morte, que no fim daquelle caminho o esperava. Semelhãte foi o valor do nesso graõ

Cassiod  
5. Va-  
riar.  
22.

Psalms.  
118. m.  
46.

Luc. 9.  
n. 15.  
Euthy.



Prelado. Bem vio os perigos, que no fim da jornada, q  
 emprédia, o ameaçaõ; contudo se poz acaminho, mas  
 com testamento feito, como quem se resolua em atro  
 pelalos a todos, & ainda a mesma morte, por não faltar  
 ao mais pequeno ponto da fidelidade, que deuia ao seu  
 Reyno, & Patria. *Firmauit faciem suam, direxit ut iret* Fir  
 mou o rosto, & encarou na morte, para caminhar direi  
 to, sem que nem o medo della o diuertisse, pera que pos  
 famos dizerlhe o mesmo, que Plinio disse a Traiano:  
 Magnanimo Prelado, muito foi que no fim do cami  
 nho perseverasseis em vossos generosos intentos; porem  
 mais foi que no principio delle, sobre tantas carrancas  
 de medo, que no fim delle vos ameaçaõ, não recel  
 feis saltarlhes: *Multum est, quod perseverasti, plus tamen quod  
 non timuisti ne perseverare non posses.*

Por onde se a primeira virtude do antigo Iosue foi  
 fortaleza: *Fortis in bello Iesus Nunc:* Bem lhe podemos cõ  
 tar ao nosso Iosue Portuguez esta mesma virtude, pela  
 primeira, & ainda a elle, pelo primeiro nella.

§. 3.

**S**Enão que parece que desfaz nisto a resolução, com  
 que este grande Prelado deu principio à acclama  
 ção felicissima de Sua Magestade, que Deos guar  
 de. Pois sabemos que a fortaleza he hum acommetimẽ  
 to fizado, & considerado dos perigos, que se offerecem:  
*Est considerata periculorum susceptio,* disse Sancto Agostinho  
 meu Padre, que sem fizo, sem consideração, entrar em  
 perigos, de que a saída parece ser impossivel, tão longe  
 está de ser valor, ou fortaleza, que antes he temerida  
 de, ou braveza. Donde he o que dizia Agesilao, que só  
 os prudentes são fortes: *Solos prudentes esse fortes:* porque  
 sem prudencia não se atina com o objecto da fortaleza.

August  
 bb 83  
 quat.



E que cousa mais impossivel, em juizo humano, que conferuar-se o Reyno na liberdade, em que se poz, estãdo sem armas, sem gente, & sem dinheiro? E se impossivel, como pode ser acto de valor, ou fortaleza, emprender alcançar esta liberdade?

Porém respondo, q̃ assi como este grão Prelado teue de Iosue a fortaleza, assi teue també a sabiduria: *successor Moysi in Prophetis*: com que Deos nosso Senhor, que foi seruido escolhelo pera tão grande empreza, lhe assistio, peraque nem errasse, nem pudesse parecer, que na resolução delle se arrojaua. Se ao Hebreo Iosue bastou que puzesse sobre elle Moyses as mãos, peraque ficasse cheo de spirito de sabiduria: *Iosue uerò repletus est spiritu sapientia, quia Moyses posuit super eum manus suas*: a mão estendendo sobre o nosso Iosue Portuguez, não Moyses, nê algum outro puro homem, mas o mesmo Christo Senhor nosso, Deos, & homem verdadeiro. Sobre elle a estendeo naquelle ditoso dia, que foi o primeiro da nossa felicidade, quando despregou a mão da Cruz, q̃ diante de sy leuaua este bendito Prelado. Sobre elle digo, pois era necessario que a estendese sobre quem lhe ficaua diante: & diante ninguem lhe ficaua primeiro, que quem a elle o leuaua diante, conforme ao que se escreue no liuro do amor diuino: *Ego dilecto meo, & ad me conuersio eius*: O meu querido IESV está virado para mim, & eu pera elle, que tal costuma ser para nós, quaes nós somos para elle. Por onde se de sabiduria ficou cheo o antigo Iosue, só porque Moyses poz sobre elle as mãos o mesmo com muito maior razão podemos afirmar do nosso mystico Iosue, que ficou cheo de sabiduria do Ceo, quando mereceo, que puzesse, ou estendese sobre elle a mão a mesma sabiduria de Deos encarnada.

Deutor 34. n. 8

Cant. 7 n. 10

O docto Abulense nota, que quando se diz, que o



antigo Iosue ficou cheo de sabiduria fô com a mão, q  
 Moyses lhe estêdeo por cima: não he porque antes dis  
 so não tiuesse Iosue, muito de esse espirito, que isso fo  
 ra encontrarem se as escrituras diuinas, que já lhe ti  
 nhaõ chamado homem de espirito, *uirum, in quo est spiri*

Num.

27.18.

*us*, se diz nos Numeros: senão porque a sabiduria, que  
 já tinha, entãõ se lhe acrecêtou: & isso denota a palavra  
*repletus est*. Semelhantes enchentes creio, que receheo  
 de sabiduria o nosso mystico Iosue com o fauor da mão  
 que o Senhor lhe estendeo por cima: porém hũa sabidu  
 ria sobre outra, mais sobre muita, a que de nouo lhe  
 sobreueio sobre a que já tinha.

E porque em tudo se parecese a sabiduria do nos  
 so figurado, ou mystico Iosue, com o antigo, & figura  
 tiuo: notese mais, que se o antigo Iosue escreueo li  
 uros (os de Pentateucho, que se bem Moyses os deixou  
 escritos, foi só em forma de diario, ou annaes, despois  
 delle quem os poz em ordem, os reduzio a methodo,  
 & ainda acrescentou de sentenças, foi Iosue seu succel

A lapi-  
 de in Pē  
 tat. in  
 princi-  
 pio Ca.  
 non.

for no espirito da prophacia; *Successor Moysi in prophetis*.  
 he obseruação de doutos) Tambem o figurado Iosue,  
 que he o nosso sapientissimo Prelado, os escreueo de hi  
 storias ecclesiasticas, dos quaes parte tem já sabido a luz  
 parte sairã muito cedo, & com que juizo em todas da  
 verdade! Com que diligencia no exame da antiguida  
 de! Com que credito do nosso Reyno! Com que pieda  
 de para com os Sanctos! Vejaõ se, que isto bastaria pa  
 ra desempenho desta verdade. Mas não só os escreueo  
 de historias, tambem os escreueo sobre os Sagrados Ca  
 nones, todos cheos de admiravel sabiduria, & algum  
 delles taõ aceito, que o que este graõ Dctor escreueo  
 por commento, o Summo Pontifice o introduzio por  
 decreto.



E finalmente, se da sabedoria do antigo Iosue co-  
 lhem os Sanctos Padres, que foi virgem [assi o tiuerão  
 por opiniaõ S. Ignacio martyr, Saõ Hieronimo, Sam  
 Ioão Chrysostomo. & outros (dos quaes he o funda-  
 mento, porque de Iosue naõ se escreue, que fosse caza  
 do, & sabe-se que os mais dos Prophetas foraõ virgens).  
 Do nosso mystico Iosue, digo do nosso insigne Prelado  
 naõ vos direi, que foi virgem, que uaõ mereci ouuir-  
 lhe suas confissoens: mas direi, que ninguem o pare-  
 ceo tanto como elle na castidade, o ser, & o parecer,  
 saõ quasi hũa mesma cousa. Como a charidade por si  
 mesma se manifesta, nem tem necessidade de mais lu-  
 me, com que se veja: assi nem a castidade necessita de  
 mais pregoeiros que de sy mesma, por isso no liuro da  
 sabiduria se propoem a castidade acompanhada com  
 charidade: *casta generatio cum charitate*. Ouue pois de con-  
 hecerse, & apparecer neste grande Prelado, porque  
 lhe não faltasse o lustre de todas as mais virtudes: A-  
 quelle recato no olhar, aquelle resguardo no ouir, a-  
 quella modestia no falar, que admirauel em tudot. A hũ  
 douto homem, que commumente assistia, ouuilhe algu-  
 ma vez dizer: *O nosso Arcebispo tem olhos de vergonha, don-  
 zella*. E despois que lho ouui, louuei muitas vezes o  
 juizo do homem, pelo muito, que obseruei, effas vezes  
 que mereci ver este bendito Prelado, se ajustaua o di-  
 to com o sojeito. O mesmo me contou, que sendo elle  
 escriuaõ em huma visita, que fazia este Prelado, em hũ  
 conuento de Religiosas, lhe succedeo huma palavra  
 de chocarrice, que cheiraua a obscenidade: & que dize-  
 do a só para mouer rizo, lhe succedeo tanto ao contra-  
 rio, que o castissimo Prelado, só de a ouir, se fez ver-  
 melho, cor propria da virtude da castidade, que aco-  
 dio logo a defendelo, & manifestarse. Pois que direi

*D. Ig-  
 nat. epi  
 st. ad'*

*Phila-  
 deph.*

*D. Hier.  
 lib. 1.*

*cõt. Io-  
 nin.*

*D. Ioan.  
 Chrysof.*

*ser. de  
 martiri-*

*bus.*

*A lapi-  
 de Ec-  
 clesiast.*

*46. 1.*

*Sap. 1. 2.*



do falar? Sou testemunha, que por espaço de seis annos, que residi em o nosso Conuento de Braga, continuando este benignissimo Prelado nelle, ou na nossa quinta, todas as fomanas alguma vez a entreterse com nosco: & tendo nisto tanta facilidade, quanta a poder hum Religioso com outro: & tanta vrbauidade, & galantaria, quanta em suas conuersaçoes costumauer, já mais lhe ouuimos palaura, que desdisses de hũa modestia virginal.

Basta pera confirmação do que nesta materia tenho dito, que viuendo o nosso dignissimo Prelado de hũas portas adentro sempre com sua mui venerauel irmãa, tão senhora, & que tão senhorilmente sabia acompanharse, em nenhũa das Cidades, em que morou, ouue nunca quem se atreuesse a murmuralo nesta materia, nem ainda mui leuemente. Seneca, querendo encarcerar a temperança de Catão, disse, que mais facil feria acreditar a destemperança, que desacreditalo a elle de destemperado: *Facilius efficit, quisquis obiecerit, hoc crimen honestum; quam turpem Catonem.* O mesmo digo deste insigne Prelado, que resplandecia nelle de modo a castidade, que mais facil fora acreditar a luxuria, que desacreditalo a elle de menos casto. Por isso não ouue nunca quẽ nesta materia se atreuesse a murmuralo.

*Seneca  
de Tran  
quill.  
c, 18.*

Por maneira que se do antigo Iosue se proua, cõ a sabiduria, a castidade: com o mesmo argumento se conuence hũa mui admirauel sabiduria, no nosso Iosue Portuguez: pois foi tão insigne em castidade, q já mais ouue murmuração, que se lhe atreuesse. E porque tornemos à duuida, que no valor deste Prelado se offerencia, já fica claro, que tratar de introduzir nouo Rey, em hum Reyno tão falto de armas, gente, & dinheiro,

como



como o estaua este, não foi temeridade de quẽ empre-  
de impossueis, & se arrisca por elles: antes valor, & for-  
taleza de verdadeiro prudente. Que posto que á pru-  
dencia humana parece-se o bom successo impossuel, o  
nosso grão Prelado, como outro Iosue. *Successor Moysi in  
prophetis*. Governauase pelas regras da sabiduria diui-  
na, de que estaua, & esteue cheo, antes, & despois que  
a sabiduria de Deos encarnada puzesse, ou estendese,  
sobre elle a sua diuina mão.

J. 4.

Sobre valeroso, & sabio, foi tambem o antigo Iosue  
manso, como Moyfes. Pelo que tem a nossa Vulga-  
ta: *Qui fuit magnus secundum nomen suum*, que foi Io-  
sue grande conforme ao seu nome, o Syro tirando a e-  
quiuocação àquelle pronome *suum* o refere a Moyfes  
de quem atraz se falou, & com esta relação val nelle a  
clausula tanto, como se disseffe, que foi Iosue grande  
como Moyfes: *ut esset magnus*, diz o Syro, *sicut Moyfes*.  
Mas então occorria a duuida, que de Moyfes o atribu-  
to mais proprio he a mansidão, com que soffreo o pouo  
lhe releuou suas faltas, & ainda rogou por elles a Deos,  
por esta he celebrado nas escrituras diuinas: *Mitissimus  
super omnes homines, qui morabatur in terra*, se diz delle nos  
Numeros. De grande, não vemos aonde seja louuado.  
Como, pois diz o nosso Texro, que foi Iosue grande,  
como Moyfes, quando de Moyfes sabemos, q não foi o  
seu atributo grandeza, senão mansidão? Porem he a res-  
posta facil, que a verdadeira grandeza, he a da mansi-  
dão, Deos N.S. por isso he manso, & passador de cul-  
pas, porque he grande. Porque sois, Deos meu, senhor  
etudo, lhe diz o Author do liuro da Sapiétia, por isso

Num.

12, 172



Sap. 12. vos dais por obrigado a perdoar: *Ob hoc quoddam omnium dominus es, omnibus te parcere facis*, para que, acrecentão as Entrelinhas, se jais manso, por natureza, pois com poder governais: *Vt qui prees potentia, mitescat natura*. Por onde razão teue o Author do Ecclesiastico, em dizer, que Iosue foi grande, como Moyfes: *ut esset magnus sicut Moyfes*, pois o attributo de Moyfes foi mansidão: & com mansidão sempre se acha grandeza.

Grande, pois, foi o antigo Iosue, como Moyfes, pois foi manso, como elle, que bem mostrou a sua grande mansidão na muita, com que defendeo da ira, & impeto do pouo, aos Gabaonitas, que a elle o auião enganado. Do mesmo modo grande, & ainda maior, foi o nosso Iosue Portuguez, que chegou a tal extremo de mansidão, que esta se lhe veio a dar por culpa, achaque mui sabido de estremadas virtudes, cuidar se delles, q̄ declinaõ pera o extremo, que he vicioso sempre. Porẽ quem a este grande Prelado dá este cargo, não leo a Cassiodoro, que escreue, que o Principe, para bom, & benigno, ha de traspassar os limites da igualdade, pera dar lugar á clemencia, & mansidão: *Benigni Principis est ad clemẽtia commodum: equitatis terminos transilire*. Não leo o que testemunha o nosso grande Prelado, em a vida do espelho de prudencia D. Fr. Agostinho de Castro, Arcebispo de Braga, honra da nossa Sagrada Religião, que costumaua este prudentissimo Prelado dizer: *Maiores são os danos, que nascem de castigos mal recebidos, que de culpas dissimuladas*. Não leo o que ensina o S. Bispo Hildeberto Cenomanensẽ: *Quisquis reatus: nihil impunitum relinquit; delinquit; culpa est totam persequi culpam*. Quem não deixa de castigar nenhũa parte do delicto, esse o comete: he culpa castigar toda a culpa.

Quanto mais, q̄ a mansidão, no nosso insigne Prelado,

lado,

Cassiod.  
lib. 2.  
var. e.  
pist. 9.

Histor.  
Eccles.  
Braga  
ren. cap  
93. no. 5.

Hildeb.  
epist.  
253.



lado, não foi virtude sómente, foi também mysterio, foi presagio da authoridade, com que auia de dominar os corações dos Portuguezes, que, como tão generosos, com mansidão se leuão, não com fereza. Coube-lhe a bênção de Nephtalim. De Nephtalim se diz no Genesis, q̄ daria palauras de fermosura: *Dans eloquia pulchritudinis*. I. q̄ seria manso, brando, urbano, assi o interpreta Masio: *Comis erit, blandus, & humanus*. No Deuteronomio, referindose esta mesma benção, não se diz assi, senão: *Nephtalim satur erit voluntatis*. Lição tirada da fonte Hebreá, pela que tem a nossa Biblia: *Nephtalim abundantia perfruetur*. Nephtalim fartarseha de vontades. Contudo não differem, antes dizem hũa mesma cousa, pois á mansidão o que se segue, he dominar vontades alheas, & fartarse dellas. E assi o mesmo foi dizer: *Dans eloquia pulchritudinis*, que dizer, *satur erit voluntatis*. Coubelhe, pois, como digo, esta benção ao nosso mansissimo Prelado. Fartouse, & satisfezse com sua mansidão das vontades de todos, de Ecclesiasticos, de seculares, de ricos, de pobres, de fidalgos, de não fidalgos. Que coraçã ouue, que se lhe não rendesse, melhor digo, que se lhe não abrisse, quando de Madrid voltou a esta Cidade? Nenhum, de ningũe, ate as Religioes, que em outras occasioes semelhantes, refertaõ sobre suas precedencias, naquelle dia de tudo se esquecẽraõ: *satur erit voluntatis*. Foi sem duuida aquelle triumpho hum triumpho de mansidão, em que Deos quis, que este mansissimo triumphador prouasse a mão, & se enlayasse, para outro, com que no primeiro dia de Dezembro de 1640. auia de sahir como sabio, dos paços Arcebispaes, para os Reaes, domando, rendendo, prendendo catiuando, & leuando finalmente consigo os corações & vontades de todos, que tanto que o virão no campo,

Genesis

49. nn.

21.

Masius

in Isae

c. 19. n.

32.



logo sem nenhum recoco o seguirão. *Satur erit volūtatis.*

S. S.

**O** Que sobre tudo fez grande ao antigo Iosue foi, diz o diuino Texto, q̄ propuzemos, auelo Deos guardado para remedio daquelle pouo antigamente escolhido, & mimoso seu: *Maximus in salutem electorum Dei*: & auerho elle procurado, com tanto desinteresse, tão grande esquecimento de sy, que só tratou delles, & de os meter de posse da herança da terra que lhes estaua prometida: *vs: conseruetur hereditatem Israel*, que assi o declara a Tigrina. *Et Israelitas inducit in possessionem*, & de sy, tão pouco, que como afirma Theodoro: *Extremam expertus est inopiam, ita vt ne domum quidem haberet*, chegou a tal pobreza, que nem casa propria teue: & dos seus, se mais cuidou, não foi para mais, q̄ para lhes procurar o quinhão mais esteril, mais seco, menos vtil, as montanhas, ou monte de Ephraim. Virtude, em que reparou S. Paulo, quando foi visitar aquelles lugares, como S. Hieronymo o escreue: E com razão, que sendo Iosue Capitão daquela conquista, & competindo-lhe, como a esse, o melhor quinhão da terra conquistada, lhes desse ás gerações, ou tribos, que capitaneaua, tudo o melhor, & pera sy nenhuma cousa procurasse, nem tomasse, & pera os seus escolhesse o pior: graõ virtude! digna de quem teue primeiro o nome, que depois teue o Saluador do mundo.

Porẽ não foi menor a do nosso Iosue Portuguez, Não foi elle o que nos meteo de posse do Reyno, que nos estaua prometido? Todos o confessamos. Não se lhe deuia, como a Author deste bem, o melhor quinhão.



nhaõ nelle? Era razaõ. Que tomou pera sy? Foi neces-  
 sario vender selhe o fato (sofraõme a palaura que naõ  
 me occorre outra, com que melhor se declare o pouco  
 que valia o que em sua casa se achou.) para o enterra-  
 rem, & lhe fazerem officios de sepultura. Comprin-  
 dose o que muitas vezes lhe ouui dizer; *Se quando mor-  
 rer me acharem seis viniõs, não quero que me enterrem em sa-  
 grado.* Tinha tal prudencia no governo de sua casa: tal  
 temperança no gasto, que nem pedia já mais prestado  
 para gastar, nem lhe sobejou para guardar. E nisto fun-  
 daua dizer que o naõ enterrassem em sagrado, se lhe  
 achassem dinheiro, quando morresse.

He verdade, que o que na terra se lhe não achou  
 no Ceo o tinha guardado, por mãos dos pobres, com  
 que o despendero, que effes foraõ os palacios, que edi-  
 ficou, effes os parentes, que enriqueceo, effes as pei-  
 tas, com que subio. Com os pobres, & com ninguem  
 outrẽ, gastou o q̃ do necessario de sua casa lhe sobeja-  
 ua, guardando perfeitamẽte aquella regra Euãgelica:  
*quod superest date eleemosynam* Não nego, q̃tambem des-  
 pendero, pelo menos nesta Cidade, em hospedajens de  
 Fidalgos, & Senhores, a que daua mesa muy ordinaria  
 mente em sua casa. Porém digo, que esta despeza se  
 ha de contar com a necessaria. Quam necessarios sam  
 ao official mechanico instrumentos, com que faça as  
 suas obras, pois sem elles nenhũa cousa poderá obrar:  
 tam necessarios sam ao homem ciuil, & que trata do  
 bem da Republica, amigos. *Ciuium virorum. disse Plu-  
 tarco, viua, & intelligentia instrumenta sunt amici.* Os a-  
 migos sam huns, como instrumentos viuos, & intelli-  
 gentes, ou racionaes, com que o homem ciuil ha de  
 acudir a obra da reparaçãõ, & melhoraõdo do bem  
 publico, & cõmun, sem amigos, de que se fie, nenhũa

Luc. 14

Plut. de  
gerẽda  
rep. litz  
de ami-  
citia



coufa poderà fazer. A hum homem pois tão ciuil, tão pay da Patria, como o era este graõ Prelado, necessario lhe eraõ amigos, de que vsasse para a restauração do Reyno, de que tratava, & que amigos, senão os Fidalgos, & poderosos do Reyno? Bem se vio, pois por meio delles obrou a restauração d'elle, & tratava da conseruação. Poronde no Ceo he conseguinte, que a chaffe este piedoso Prelado, não menos as despesas q̄ fez com as hospedajens dos Fidalgos, que as que fez com pobres, que se humas, & outras foraõ dedicadas à piedade: estas o foraõ à de cadahum, aquellas à de todos: estas foraõ voluntarias, aquellas necessarias, & melhor lugar tem no Ceo a obra necessaria, que a que he só voluntaria: melhor a que respeita o bem commum, que a que só atende aos particulares.

E para os seus que tomou? Ou que pediu? As montanhas, como outro Iosue, o mais aspero, quero dizer as fronteiras. Lá mandou os sobrinhos, que ao seu baso em sua casa criou, & que amaua mui brandamente: là o sobrinho, que tinha, vnico herdeiro da varonia de seus passados: esses foraõ os morgados, q̄ lhe procurou, que posto que a hum delles fez El Rey merce de huma Comenda, quando o nosso Prelado crismou ao Principe, que Deos guarde, para o Prelado vir nisso, foi necessario declarar lhe Sua Magestade, q̄ lha daua em satisfação de seruiços de seu Irmão Dom Lourenço da Cunha pay do sobrinho, a q̄ se deu por a uer entê dido d'elle, que de seus seruiços nenhum premio aceitaría mais, que seruir, & mandar os seus, que seruissem. *Maximus in salutē electorum Dei: & ut consequeretur hereditatem Israel.*

De Iosue não se chorou a morte, & por isso no nosso thema senão faz caso della, & com razão, que  
tal



tal Capitão, tal Governador pôde dizer de sy, o que o outro celebrado em Ennio Poeta. *Nemo me lacrimis decoret, neque funera fletu faxit. Cur? Viuus volito per ora virum.* Ninguê me chore, ninguê me lamente morto: uiuo estou por Fama, q̄ he vida mais gloriosa, q̄ esta, q̄ aqui se viue. Do nosso Iosue Portuguez chorese: embora a falta, q̄ nos fará, derramêse lagrimas de saudades: porê a morte naõ se lhe chore, antes se lhe dê parabês da vida, de q̄ goza, & gozará para sempre, no Ceo por gloria, & na terra por fama. Pregarêse as virtudes, pregoemselhe os lououres, hũa, & muitas vezes, naõ porq̄ a elle lhe sejam necessarios lououres: mas porq̄ cõ elles nos acendamos em de sejos de o imitar, & imitando lhe creça a elle gloria na bemauenturança eterna.

Venha a Rainha nossa Senhora ao Côcelho, & diga, como se conta. *Eu venho em lugar do Arcebispo.* Não só pera honrar cõ isso a memoria de hũ Prelado tão bene merito de suas Reaes Magestades, & do Reyno todo: mas tambẽ para assègurar o acerto de todas as resoluções do Côcelho. Plutarco em hũ liuro, q̄ fez de profectu virtutis, paraq̄ todas as acçoẽs humanas se acertẽ, & encaminbẽ ao fim deuïdo, q̄ he a uirtude, dà hũ documento digno de bẽ mais alta philosophia, do q̄ elle a professaua. *Cum r̄ aliquã aggredimur* [diz o douto Philosopho] *ante oculos nobis proponamus exẽpla honorũ virorũ: cogitemusque, quid facturũ fuerit hoc loco constitutus. Plato, quid dicturus Epaminondas, qualẽ se gesturus Lycurgus, vt veluti in speculum intuẽtes, ornemus nos, atque cõponamus.* Quando emprẽdemos algũ negocio, ponhamos diante dos olhos os exẽplos de algũs insignes varões, cõsiderando oq̄ fãria em semelhante caso Plataõ, q̄ diria Epaminondas, como se aueria Lycurgo, paraq̄ vendonos nelles, como em espelhos, nos ornemos, & cõponhamos. Omef



mo documẽto deu, & era bẽ q̃ desse, cõmo tãõ prudẽ-  
te, a Rainha N. Senhora, dizẽdo no Concelho, q̃ vinha  
em lugar do Arcebispo, quasi dizẽdo: Serã bẽ, q̃ cui de  
mos neste Cõcelho, q̃ temos presẽte o Arcebispo, & o  
ponhamos, diante dos olhos, para nos perguntarmos  
cada hũ a sy mesmo, q̃ fizera neste caso o Arcebispo? q̃  
differa? q̃ resoluera? E logo tudo se ordenarã cõ valor,  
tudo cõ prudẽcia Christãa, tudo cõ mansidãõ, tudo  
cõ zelo do bẽ publico, & cõmũ. O guardese tãõ sabio,  
& proueitoso documẽto! Guardese nos Concelhos su-  
periores, guardese nos inferiores, guardese nos Conce-  
lhos dos magistrados, guardese nos dos particulares: te-  
rã o Reyno augmentos, & o bendito Prelado gloria  
maior na bemauenturança eterna. *Ad quam nos perdu-  
cat, &c.*

### LAVS DEO.

**E** Stã conforme este Sermão com o Orĩginal. Em  
S. Domingos de Lisboa, 22. de Março de 1643.

*M. Fr. Ignacio Galuãõ.*

Vista a conferẽcia, pode correr este Sermão. Lis-  
boa, 24. de Março de 1643.

*Fr. Ioãõ de Vasconcellos.*

*Pedro da Sylua:*

*Sebastião Cesar.*

*Francisco Cardoso de Torneo.*

**T** Axãõ este Sermão a reis em papel. Lisboa  
24. de Março de 1643.

*Cesar.*

*Meneses.*

*Coelho.*